

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES  
PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria do Carmo de Oliveira Coelho

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DRAMATIZAÇÃO DO LIVRO INFANTIL COMO  
ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DE LEITORES**

Belo Horizonte  
2019

Maria do Carmo de Oliveira Coelho

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DRAMATIZAÇÃO DO LIVRO INFANTIL COMO  
ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DE LEITORES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em nome da área.

Orientador: Gilmar Moura da Silva

Belo Horizonte  
2019

C672c

Coelho, Maria do Carmo de Oliveira, 1963-

A contação de histórias [manuscrito] : dramatização do livro infantil como estratégia da formação de leitores / Maria do Carmo de Oliveira Coelho. - Belo Horizonte, 2019.

56 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Gilmar Moura da Silva

1. Educação. 2. Contadores de histórias. 3. Arte de contar histórias. 4. Literatura infanto-juvenil. 5. Dramatização 6. Incentivo à leitura.

I. Título. II. Silva, Gilmar Moura da. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.733

**Catálogo na Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

**ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO QUINQUAGÉSIMO TRABALHO FINAL DO CURSO DE  
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “-A contação de histórias: dramatização do livro infantil como estratégia de formação de leitores”, do(a) aluno(a) **Maria do Carmo de Oliveira Coelho**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Gilmar Moura da Silva (orientador) e Virgínia Souza Oliveira. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho Aprovado, atribuindo-lhe a nota 96,0, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Maria do Carmo de Oliveira Coelho  
Maria do Carmo de Oliveira Coelho

Registro na UFMG: 2018752477

Gilmar Moura da Silva  
Gilmar Moura da Silva  
Professor(a) Orientador(a)

Virgínia Souza Oliveira  
Virgínia Souza Oliveira  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha  
Ana Maria de Castro Rocha  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

## **DEDICATÓRIA**

À Deus Meu Refúgio e Fortaleza...

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente à Deus pela oportunidade, ao meu marido José Maria que compreendeu minha ausência aos sábados, cuidou da casa e dos filhos, trazendo paz e tranquilidade ao meu coração e a meus filhos Laura e Gabriel que sempre me deram apoio e incentivo.

## RESUMO

Tornar o hábito da leitura uma prática prazerosa no dia-a-dia da criança é uma tarefa que desafia o educador. A leitura é uma forma de prazer, lazer e aquisição de conhecimento. Daí, o tema desta pesquisa ser a contação de histórias e a dramatização do livro infantil. O objetivo do trabalho consiste em desenvolver a estratégia de dramatização do livro infantil, durante a contação de histórias, com o intuito de promover o gosto pela leitura entre os alunos. Para tal, realizou-se uma pesquisa prévia que, surpreendentemente, revelou da grande parte dos alunos nunca terem dramatizado uma história infantil. Desse modo, planejou-se uma aula para as crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, de uma dada escola municipal de Belo Horizonte, para ouvirem a história da Galinha Ruiva e posteriormente dramatizarem suas cenas, usando fantoches de varas. A intenção final era, com a estratégia metodológica escolhida, qual seja a dramatização, promover a formação de leitores desejosos de atuar como atores nos palcos improvisados das salas de aula.

**Palavras-Chave:** Contação de histórias; Dramatização; Formação de leitores.

## **ABSTRACT**

Making the habit of reading a pleasant practice in the child's daily life is a task that challenges the educator. Reading is a form of pleasure, leisure and knowledge acquisition. Hence, the theme of this research is storytelling and the dramatization of the children's book. The objective of this work is to develop the strategy of the children's book dramatization, during storytelling, in order to promote a taste for reading among students. To this end, a previous survey was conducted which surprisingly revealed that most students had never dramatized a children's story. Thus, a class was designed for the children of the 3rd year of elementary school, from a given municipal school in Belo Horizonte, to hear the story of Red Chicken and later dramatize their scenes, using stick puppets. The final intention was, with the methodological strategy chosen, namely the role play, to promote the formation of readers eager to act as actors on the makeshift stages of the classroom.

**Keywords:** Storytelling; Dramatization; Reader training.

## LISTA DE GRÁFICOS

### GRÁFICOS DA TURMA 301

Gráfico 1 - Você gosta de ouvir histórias?.....	33
Gráfico 2 - Como você gosta de ouvir histórias?.....	33
Gráfico 3 - Qual tipo de história você gosta mais?.....	33
Gráfico 4 - Você já participou de alguma dramatização de história de um livro? .....	33
Gráfico 5 - Você participaria de uma dramatização de uma história de um livro infantil? .....	33

### GRÁFICOS DA TURMA 302

Gráfico 1 - Você gosta de ouvir histórias?.....	35
Gráfico 2 - Como você gosta de ouvir história? .....	35
Gráfico 3 - Qual tipo de história você gosta mais?.....	35
Gráfico 4 - Você já participou de alguma dramatização de história de um livro? .....	35
Gráfico 5 - Você participaria de uma dramatização de uma história de um livro infantil? .....	35

### FOTOGRAFIAS DA TURMA 301

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Fotografia 01 - Contação da história “A Galinha Ruiva” pela pesquisadora .....	40
Fotografia 02 - Contação da história “A Galinha Ruiva” pela pesquisadora .....	40
Fotografia 03 - Todos os personagens da história estão em foco (fantoques em varetas).....	41
Fotografia 04 - Distribuição dos fantoches para a dramatização da história pelos alunos.....	42
Fotografia 05 - Leitura e dramatização da fala da personagem da Galinha Ruiva .....	43
Fotografia 06 - Alunos dramatizando o personagem do porquinho.....	44
Fotografia 07 - Alunos dramatizando os patinhos .....	45
Fotografia 08 - Ingredientes utilizados na broinha de milho .....	45
Fotografia 09 - Distribuição das broinhas de milho com todos os alunos personagens.....	47
Fotografia 10 - Distribuição das broinhas de milho com todos os alunos personagens.....	47

## **FOTOGRAFIAS DA TURMA 302**

**As fotos da turma 302 não foram inseridas, pois foi acionada apenas a filmadora e não a câmera. Tentamos retirar as fotos da filmagem, mas infelizmente não ficaram nítidas.**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Definição de leitura.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 A formação de leitores .....</b>	<b>19</b>
<b>2.3 A contação de histórias para formação de leitores .....</b>	<b>22</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 A instituição .....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 O Método .....</b>	<b>30</b>
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>32</b>
<b>4.1 Resultado da pesquisa e tabulação dos dados na turma 301 .....</b>	<b>32</b>
<b>4.2 Resultado da pesquisa e tabulação dos dados na turma 302 .....</b>	<b>34</b>
<b>4.3 A história e a dramatização na Turma 301.....</b>	<b>39</b>
<b>4.4 A história e a dramatização na Turma 302.....</b>	<b>48</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## APRESENTAÇÃO

Iniciei a carreira profissional na educação no ano de 1982, quando conclui o curso de Magistério no Colégio Professor Humberto Rosas. Comecei a trabalhar como ajudante de uma Professora na Educação Infantil, no período de 1984 a 1985 no Centro Educacional Pimpolho, bairro São Gabriel em BH. Foi trabalhando com alunos muito pequenos, na faixa etária entre 4 e 5 anos, que descobri a vocação para a docência e o gosto pela contação de histórias.

Em abril de 1985 consegui um contrato como professora regente, para ministrar aulas para os alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, na Escola Estadual C. B. D., bairro Providência, BH. Gostei tanto desta experiência de trabalhar com estes alunos que permaneci, mesmo na condição de contratada, até o ano de 1992, quando fui aprovada no concurso para professores da Rede Estadual de Minas Gerais, tomando posse e exercício em dezembro de 1992.

No período de 1992 a 1997, continuei na referida escola, no turno da noite, desta vez ministrando aulas para os alunos do curso de Suplência, atualmente conhecido como Educação de Jovens e Adultos. Foi uma experiência ímpar. Alguns alunos eram jovens, porém, a maioria deles idosos. Passei a admirar a motivação que levava esses alunos à escola, à noite, depois de chegarem cansados do trabalho. Para os finais de aula eu reservo sempre uma atividade de contação de “causos” que descansava, descontraia, aliviava as tensões e o cansaço do dia a dia exaustivo desses alunos trabalhadores.

Motivada pela vontade de aprender mais, de pesquisar e descobrir como ajudar os alunos, ingressei em 1994 no curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais - FAE/UEMG. Conclui o curso de Pedagogia com habilitação em magistério das disciplinas pedagógicas do 2º grau e Supervisão Escolar. O Curso ajudou-me a entender os desafios da alfabetização e o quanto precisaríamos fazer por uma educação de qualidade. No final do curso, voltei para a faculdade e complementei meu currículo estudando Inspeção Escolar.

No ano 2000, assumi a direção da Escola Estadual Celmar Botelho Duarte. Sentia que, como gestora, poderia contribuir mais para melhorar o desempenho escolar dos alunos. Não tinha nenhuma experiência em gestão, apenas disposição e vontade de encarar este novo desafio.

Disposta a trabalhar para mudar a realidade da escola, aproveitei meu ponto forte; bom relacionamento interpessoal. Montamos boas equipes, dividimos as tarefas, delegamos atribuições e assim conseguimos elevar os índices de desempenho escolar de nossos alunos.

Buscamos outros parceiros, conseguimos alguns projetos de relevância para a escola, destacando o Projeto de Musicalização “Tocar D’agente”, em parceria com o Instituto Júnia Rabello/Banco Rural, que propiciou a compra de diversos instrumentos musicais e o aprendizado de música pelas crianças.

Não poderia deixar de citar que tivemos duas planilhas de obras de construção, reforma e ampliação aprovadas pela Secretaria de Educação de Minas Gerais. Isso tornou possível a melhora nos espaços físicos: construção e cobertura da quadra poliesportiva, reforma da cantina, construção da sala de vídeo e auditório.

Confesso que não foi tarefa fácil cuidar de todas as gestões: da gestão de resultados educacionais, a participativa, a de pessoas, de serviços de apoio, recursos físicos e financeiros, mas saliento que a gestão mais difícil, que dá mais “trabalho” é a pedagógica. Essa gestão é a mais importante, pois é o coração de uma escola. O tempo que se dedica a essa gestão é que faz toda diferença entre uma escola boa, a qual todos querem vagas pra seus filhos e uma escola comum.

Faço uma análise positiva da gestão pedagógica e do tempo em que estive na gestão escolar. Considerar este período positivo é analisar os números e verificar o aumento de 07 para 14 turmas. É ver concluída a extensão gradativa de séries - partimos da 4ª série (nomenclatura da época) e ampliamos até o 9º ano do ensino fundamental, aumentando, conseqüentemente, de 300 para 900 o número de alunos, atingindo a capacidade máxima do prédio.

Esses resultados positivos fizeram-me permanecer por 03 períodos de 04 anos cada, totalizando 12 anos de gestão escolar. Em 2012, vencido o último período, decidi, por iniciativa própria, não mais concorrer ao período seguinte, certa de que fiz o que esteve ao meu alcance, ajudando a todos e mantendo um clima saudável. Acho que consegui. Apesar de atuar tantos anos na gestão escolar, pedi, via Secretaria de Educação, a mudança de lotação (mudar de escola). Assim, tive a oportunidade de adquirir experiência no novo grupo de gestores com informações e suporte necessário para o bom andamento da escola.

Neste ano de 2012, foi oferecido a mim o cargo de PUB (Professor em Uso de Biblioteca), cargo este que me deua a oportunidade de ler mais e contar histórias para

as crianças. Com aulas de literatura mais dinâmicas, poderia trabalhar diretamente na formação de leitores. Ministrava aulas para todas as turmas que, uma vez por semana, visitava a biblioteca para ouvir a leitura dos livros infantis. Certa vez, li a história de um livro que foi tão emocionante, que os alunos pediram para dramatizá-la. A partir de então, várias vezes utilizei este recurso que pareceu dar certo para promover o gosto pela leitura. Percebi que em várias vezes que lia uma história, os alunos dramatizavam e aquele livro passava a ser solicitado para ser levado para casa. Assim, lia livros diferentes a cada semana na intenção de diversificar bastante os títulos.

Em 2016, aposentei-me na rede pública estadual, mas não finalizei minha carreira de educadora, pois continuei a trabalhar como Professora da Rede Municipal de Educação. Na rede estadual trabalhei por 25 anos na mesma escola; já na rede municipal trabalhei em três escolas: E. M. H. R. M. no bairro Guarani, na E. M. D. L. R. A. no Bairro Ribeiro de Abreu e na E. M. P. C. B. no bairro Aparecida onde trabalho atualmente.

No ano de 2018, destaco o trabalho realizado como professora regente da turma do 3º ano do 1º ciclo. A turma 301 era composta por alunos com muita dificuldade de aprendizagem e de disciplina. Vi na implementação do Projeto “Sua Atitude tem valor”, a oportunidade para promover o gosto pela leitura e a mudança de atitude. O projeto constituía-se, basicamente, na leitura e reflexão de livros literários infantis, que traziam temas como: amor, amizade, cooperação e respeito. Além de melhorar o desempenho dos alunos em leitura, promovia também a conscientização por meio dos exemplos lidos nos livros, repensavam suas atitudes em relação à indisciplina, à escola, à professora e aos colegas. Aproveitei a faixa etária das crianças, 8 anos, para ler muitos livros, realizar as dramatizações que foi muito bem aceita na turma.

Em 2018/2019, curso a especialização em formação de educadores, LASEB/FAE/UFMG, optando pela área de Processos de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, com o objetivo de aprofundar os estudos de forma multidisciplinar, considerando os vários aspectos da formação das crianças e dos adolescentes que frequentam as escolas da Rede Municipal de BH.

Sendo assim, apresento a seguir o trabalho “A contação de histórias”: dramatização do livro infantil como estratégia de formação de leitores, buscando verificar os efeitos da dramatização do livro infantil para a promoção do gosto pela leitura.

## 1 INTRODUÇÃO

Contar histórias para alunos das séries iniciais do ensino fundamental sempre foi considerado uma maneira de relaxar, distrair e manter as crianças em silêncio. É dos métodos intuitivos o mais simples, antigo e eficiente na transmissão de verdades eternas de uma geração para a outra. Porém, hoje, a mídia e a tecnologia estão muito acessíveis para as crianças, o que torna muito difícil para o professor conquistar a atenção dos alunos. Segundo pesquisas feitas em torno do Brasil, tem-se constatado que as histórias vêm sendo esquecidas e os livros vêm sendo deixados de lado. Para o professor, torna-se um desafio fazer com que as crianças continuem tomando gosto pela leitura dos livros e/ou prestem mais atenção quando uma história é contada oralmente.

Atualmente, acredita-se que a formação de um bom leitor passa pela atividade inicial do ouvir e do recontar. Nesse sentido, há um resgate desse importante fator para o desenvolvimento oral e da escrita. O desejável em nossos dias é que a contação de histórias e a narrativa oral estivessem mais articuladas com os conteúdos escolares, o que, infelizmente, não acontece em muitas escolas. Ao contar uma história, os ouvintes são envolvidos em uma trama, fazendo-os participar e interagir, propiciando o despertar do sentir e do imaginar de cada leitor.

A contação de histórias é uma atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Percebe-se na citação que a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, exercitando a experiência da emoção e do imaginário.

Segundo Villardi (1997), para formar grandes leitores e críticos, não basta ensinar a ler, é preciso ensinar o gostar de ler. Despertar nos alunos o interesse pela leitura é o maior legado de um professor. Leitores competentes e interessados só se farão com a prática constante do ler e do ouvir variados tipos de histórias.

A contação de história, além de pertencer ao campo da educação e à área das ciências humanas, é uma atividade comunicativa. Através dela, os homens repassam valores, costumes e tradições capazes de estimular a formação das crianças. Por isso,

contar histórias é criar um ambiente de encantamento, surpresa e emoção onde o enredo e os personagens ganham vida e transformam o ouvinte e o narrador.

Nesse contexto, escolheu-se o tema desta pesquisa que é a contação de histórias e a dramatização do livro infantil como estratégia para a formação de leitores.

Portanto, indaga-se: seria a contação de histórias e a dramatização do livro uma boa estratégia para a formação de leitores?

O objetivo do trabalho consiste em desenvolver a estratégia de dramatização do livro infantil, durante a contação de histórias, com o intuito de promover o gosto pela leitura entre os alunos. Com essa proposta em mente, os alunos foram entrevistados, visando descobrir quais seriam as histórias preferidas por eles e como gostariam de ouvi-las. Após essa entrevista, escolhemos a fábula da Galinha Ruiva. Os alunos, então, dramatizaram a história que ouviram, usando fantoches dos personagens.

Parte-se da hipótese que a contação de histórias e a dramatização do livro infantil não faz mais parte da rotina escolar das crianças. Ou ainda, que ouvir histórias e dramatizá-las não é, geralmente, articulado aos conteúdos escolares. Nesse sentido, o presente trabalho torna-se importante, na medida em que traz uma reflexão sobre esta prática simples de contar histórias. Prática essa que tem sido esquecida ou até mesmo, algumas vezes, relegada em segundo plano.

Os estudantes, sujeitos da pesquisa, são alunos do 3º ano, (turmas 301 e 302), totalizando 50 estudantes com idade de 8 anos, que estudam no turno matutino de uma escola municipal da região noroeste de Belo Horizonte, localizada no bairro Aparecida.

O texto está estruturado em 04 capítulos. Na introdução, capítulo 1, apresenta-se o tema do trabalho, problematizando em que medida a contação de história seria uma boa estratégia para a formação de leitores.

O capítulo 2 apresenta uma revisão da literatura sobre o tema e o referencial teórico, propondo um aprofundamento da temática, trazendo as definições de leitura na visão de educadores como Paulo Freire e outros autores. Analisou-se também como se dá a formação de bons leitores, principalmente de que forma a contação de história pode ajudar nesse processo de formação das crianças.

O capítulo 3 apresenta a metodologia utilizada. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, apoiada na bibliografia sobre o tema, na qual se aplicou um questionário de opinião, além da contação de história com sua dramatização. Em seguida, descreve-se o passo a passo do trabalho realizado nas turmas do 3º ano e a caracterização da instituição na qual a pesquisa desenvolveu-se.

O capítulo 4 apresenta a análise dos resultados, a partir da tabulação das respostas dos questionários, que colheu a opinião dos alunos sobre as histórias infantis e também os efeitos da dramatização durante a contação de histórias nas turmas envolvidas nesse estudo.

Por fim, as considerações finais são feitas, retomando o objetivo do estudo e propondo recomendações para a continuidade do mesmo a quem possa interessar. Encerra-se o estudo com as referências utilizadas.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 Definição de leitura

O dicionário Aurélio define a palavra leitura como: 1. Ato ou efeito de ler; 2. Arte ou hábito de ler; 3. Aquilo que se lê; 4. O que se lê, considerado em conjunto. 5. Arte de decifrar e fixar um texto de um autor, segundo determinado critério. (AURÉLIO, 1988, p.390).

**A leitura** é um substantivo feminino. Sua origem vem do Latim *legere*, que significa “colher, recolher, escolher” – palavra presente na agricultura. Um novo sentido foi agregado a este termo dando a ideia de “obter informações através da percepção das letras” – é uma colheita de conhecimento (<https://www.significadosbr.com.br/leitura>)

O conceito de leitura está geralmente limitado à decodificação da escrita. A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê.

Segundo Kleiman (2008), a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos, sem a semântica dos mesmos.

Assim, uma pessoa pode ser considerada leitora quando passa a compreender o que lê. Ler é antes de tudo compreender, por isso não basta decodificar sinais e signos, é necessário transformar e ser transformado.

De acordo com o educador Paulo Freire (1989), em sua obra “A Importância do Ato de Ler”, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”; “A Importância do Ato de Ler” (P. 10).

Desse modo, as pessoas adquirem a capacidade de interpretação do ambiente social em que vivem e suas ações decorrem dessa leitura.

A prática da leitura se faz presente na vida desde o momento em que se inicia a compreender o mundo a nossa volta. A preocupação com a leitura esteve sempre muito presente por se tratar de um instrumento essencial na sociedade.

De forma muito intensa, a leitura está presente na vida e está relacionada à muitas das atividades de trabalho, lazer ou mesmo na rotina; como fazer compras ou ler um bilhete, jornais para informação, rótulos de produtos para identificar seus ingredientes, prazos de validade, manuais para saber utilizar um eletrodoméstico, e-mails para interagir com as pessoas, romances e contos para divertir, etc..

Conforme define Carletti (2007), a leitura é o meio mais importante para a aquisição de saberes na formação de um cidadão crítico para atuar na sociedade. O ato de ler é uma forma exemplar de aprendizagem.

Durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidade de pensamentos em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo, de qualidade especial. (CARLETI.2007, p.2).

A leitura é um dos meios mais importantes para a aquisição de novas aprendizagens, pois possibilita o corroboramento de ideias e ações, permite ampliar conhecimentos e adquirir novos conhecimentos gerais e específicos, possibilitando a ascensão de quem lê a níveis mais elevados de desempenho cognitivo, como a aplicação de conhecimento a novas situações, análise e crítica de textos, bem como a síntese de estudos realizados. É algo fundamental para a aprendizagem do ser humano, pois é por meio da leitura que se pode enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. A leitura desperta o leitor para novos aspectos da vida ainda não tinha pensado, desperta para o mundo real e para o entendimento do outro ser. Assim, seus horizontes são ampliados.

Para Vygotsky (2007), a leitura é um ato de reconstrução dos processos de produção. Sendo assim, a leitura nunca é mera decodificação mecânica. Nos momentos em que a decodificação dos signos está presente, a leitura vem impregnada de sentidos e predomina sobre o significado da palavra.

Diante disso, o autor classifica a leitura e o ato de ler como reformulação dos processos de produção. Ela não é mera decodificação, pois está repleta de significados.

Para se ter uma visão geral do que vem a ser leitura e sua dimensão, conceitos de leitura abordados por Silva (2005) e outros definem o ato de ler como uma necessidade concreta para a aquisição de significados e de experiências nas sociedades onde a escrita se faz presente. Leitura sem compreensão e sem recriação do significado é pseudoleitura. É um entendimento mecânico.

Segundo Silva (2005), a leitura ensinada, aprendida e praticada de maneira crítica pode constituir numa janela para o mundo, uma luz no túnel, um passaporte para a racionalidade, navegação geradora de descobertas e libertação de uma ideologia hegemônica.

[...] a prática de leitura é um princípio de cidadania, ou seja, o leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (SILVA 2005. p.24).

O autor compara a importância da leitura como janela para o mundo, a luz no fim do túnel e passaporte para a razão.

A comunicação também adquire maior fluência por meio da prática da leitura. De acordo com Cardoso e Pelozo (2007), a leitura desenvolve a capacidade intelectual da pessoa e a criatividade e deve fazer parte do cotidiano. Os primeiros contatos do indivíduo são de extrema importância para suas percepções futuras, pois interferem na formação de um ser humano crítico, capaz de encontrar as possíveis resoluções para os problemas sofridos pela sociedade a qual pertence. Sendo assim, a reflexão sobre o ensino e incentivo da leitura é indispensável nos dias atuais.

Finalmente, Souza (1997), afirma que leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados por meio de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

## **2.2 A formação de leitores**

O período de iniciação escolar, como já explicitado, acima, é fundamental na percepção que a criança terá pelos livros ao longo de sua trajetória estudantil. O trabalho com a leitura precisa ser visto, principalmente com alunos dos anos iniciais, os quais estão construindo o gosto pelo ato de ler, como algo de extrema importância.

Kriegl (2002), afirma que ninguém se torna leitor por um ato de obediência, ninguém nasce gostando de leitura. A influência dos adultos como referência é muito importante na medida em que são vistos lendo ou escrevendo. As crianças aprendem pelo exemplo, pais e professores que leem aumentam a chance de transferir para os filhos e alunos o gosto pela leitura.

O autor Bamberg (1987) comunga da mesma ideia e acha que o desenvolvimento de interesse e hábitos permanentes de leitura é um processo constante que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora

por meio das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das escolas.

O hábito de ler, muitas vezes, também pode ser iniciado na escola, a qual tem a função de desenvolver o estímulo à leitura e a busca pelo saber que oferece meios que venham seduzir o aluno para um despertar do desejo de conhecer.

Cardoso e Peloso (2007) afirmam que nos primeiros anos de escolarização o discente precisa ser incentivado e instigado a ler para se tornar um leitor autônomo e criativo.

Para incentivar o gosto pela leitura e a paixão dos alunos, com a intenção de tirar proveito pessoal da leitura, precisa ser objetivo de toda escola. É muito importante que a escola contribua para a preparação de alunos capazes de participar como sujeitos do processo de desenvolvimento de aprendizagem:

(...) entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monólogo que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade. (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2009, p.2)

No trecho citado acima, o autor diz que o ato de ler precisa levar a criança à compreensão do assunto lido e não simplesmente repetições de informações, para que assim, criticamente, possa se dar a construção do conhecimento e a produção de qualquer outro texto.

De acordo com Freire (1989), linguagem e realidade precisam ser relacionadas dinamicamente e a experiência de vida dos alunos ser valorizada. Não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, interpretando, compreendendo e relacionando o que se lê com a própria vida. As crianças leem quando os textos apresentam significados para elas.

Neste contexto, a leitura significativa e contextualizada, que leve em conta as experiências do aluno como participante do processo de aprendizagem contribui demais para uma melhor e mais agradável aquisição do processo de leitura. O prazer de ler impulsiona e mantém viva a leitura.

Delmanto (2009) ressalta que a escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação de leitores, ou seja, a escola deve direcionar o trabalho para práticas cujo objetivo seja desenvolver nos alunos a capacidade de fazer uso da leitura para enfrentar os desafios da vida em sociedade. A autora ainda acrescenta que, diante das diversas transformações com as quais vivemos a escola precisa, mais do que nunca,

fornecer ao estudante os instrumentos necessários para que ele consiga analisar, selecionar, buscar, relacionar e organizar as informações complexas do mundo contemporâneo.

A escola tem a reponsabilidade de promover estratégias e condições para que ocorra o crescimento individual do leitor, despertando-lhe interesse, aptidão e competência. Além disso, a escola tem por obrigação proporcionar aos seus alunos acesso ao conhecimento e a leitura que apresenta, sem dúvida, algum lugar de grande destaque. A oportunidade de ler, ou seja, a disponibilidade de livros representa um papel decisivo do interesse pela leitura.

Por isso, se torna indispensável que desde os anos iniciais escolares, textos, frases, palavras, sílabas e letras tenham um sentido para a criança, pois é a partir desse processo que ela poderá criar o hábito pela leitura de forma estimulante e fascinadora.

O professor é o grande formador de opinião. Devido essa habilidade ele pode, a partir dos primeiros anos, inserir conceitos de leitura e prática diária em sala de aula. É nesse espaço, a sala de aula, que figura um bom lugar para construir uma consciência acerca da importância de ler. Cabe ao educador proporcionar momentos de prazer com atividades criativas que despertem o interesse e o desenvolvimento dos alunos pela leitura.

Os professores têm em suas mãos uma preciosa ferramenta que pode possibilitar o desenvolvimento intelectual e pessoal dos alunos; as atividades de prática de leitura. Porém é preciso dar condições para que esses alunos desenvolvam hábitos de leitura espontânea pelo simples prazer da leitura:

(...) o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador, anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem (FREIRE, 1989, p.28-29).

Nesse trecho citado acima, o autor aponta que é o alfabetizando: o sujeito do processo. O professor pode ajudar, mas sem anular a criatividade do aluno. Sendo assim, o professor pode atuar, no decorrer de suas aulas, com leituras compartilhadas livres e leituras coletivas que as crianças adoram.

Conforme Freitas (2009), leitura compartilhada consiste em realizar uma leitura por toda a sala, ou seja, em voz alta. Os alunos que ainda não sabem ler começam a ouvir a linguagem escrita, dividindo assim a leitura com o professor; essa relação já

produz um convívio com o ato de ler. Contar histórias todos os dias para os alunos estabelece, aos poucos, a percepção de que o ato de ler é um hábito do cotidiano. Assim, espera-se que comecem a tomar gosto pela leitura.

A leitura livre consiste em colocar uma grande variedade de livros e outras modalidades de leituras como gibis, jornais, receitas, revistas entre outros. No momento em que os alunos estão lendo é interessante que o professor escolha algo para ler, assim servirá de exemplo e desta forma poderão se motivar.

Um ensino mais produtivo e dinâmico deve ser a finalidade principal do professor na sala de aula, propondo soluções criativas para cada situação que aflija seus alunos e lhes dificultam o processo de aprendizagem, buscando meios de contribuir com um bom desempenho na leitura e conseqüentemente em todas as áreas de estudo.

A oportunidade de ler representa um papel decisivo no despertar o interesse e o gosto pela leitura. Silva (1987) propõe atividades enriquecedoras como: leituras coletivas em pequenos grupos, silenciosa, em voz alta, pelo aluno, pelo professor, etc.. Apresentar às crianças uma variedade de histórias, ler contos de fadas que apresentem diferentes versões, personagens diferentes ou finais diferentes podem estimular comparações por parte das crianças, facilitando o pensamento intuitivo e imaginativo, criando um “cantinho de leitura” em sala de aula com prateleiras à altura das crianças. Além de deixar os alunos à vontade para ler, renovar o acervo de materiais com livros, revistas, revistinhas de acordo com o interesse das crianças.

A ideia é proporcionar o acesso aos livros suplementares para a leitura de lazer. Em sala, usar livros de capa mole, capa dura, artigos de jornal, revistas, quaisquer materiais extra que não reduzam a leitura das crianças somente ao livro didático. Para dar mais vida às leituras, pode-se dramatizar trechos dialogados ou histórias, como será proposto e mais detalhado nos capítulos seguintes deste trabalho.

### **2.3 A contação de Histórias: a estratégia escolhida para a formação de leitores**

Hoje, acredita-se que a formação de um bom leitor passa pela atividade inicial do ouvir e do recontar e, nesse sentido, há um resgate desse importante fator que é o desenvolvimento oral e da escrita.

As histórias infantis podem desempenhar uma primeira forma de comunicação sistemática das relações da realidade que se apresentam à criança numa objetividade corrente. A linguagem que constrói a literatura infantil funciona como mediadora entre

a criança e o mundo, propiciando um alargamento no seu domínio linguístico e preenchendo o espaço do fictício, da fantasia e da aquisição do saber.

O desejável em nossos dias é que a contação de histórias e a narrativa oral estivessem mais articuladas com os conteúdos escolares, o que, infelizmente, ainda não acontece. Ao contar uma história, envolve-se os ouvintes numa trama, fazendo-os participar e interagir, propiciando o despertar do sentir e do imaginar de cada leitor.

A contação de histórias é uma atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

No trecho acima, fica evidenciado que esta atividade de contação de história desenvolve a imaginação das crianças, que trazem para a vida real o que está no plano da ficção.

A contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura. Segundo Villardi (1997), para formar grandes leitores e críticos, não basta ensinar a ler, é preciso ensinar o gostar de ler. Despertar nos alunos o interesse pela leitura é o maior legado de um professor. Leitores competentes e interessados só se farão com a prática constante do ler e do ouvir variados tipos de histórias.

O ato de contar histórias, além de pertencer ao campo da educação e à área das ciências humanas, é uma atividade comunicativa. Através dela, os homens repassam valores, costumes e tradições capazes de estimular a formação das crianças. Por isso, contar histórias é criar um ambiente de encantamento, surpresa e emoção onde o enredo e os personagens ganham vida e transformam o ouvinte e o narrador. O uso da contação de história como ferramenta pedagógica, pode incentivar, não somente a imaginação, mas a formação de hábito da leitura.

Contar histórias é um momento mágico que envolve a todos num clima de fantasia. Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade e estimula sua capacidade de imaginar. O ato de contar histórias é próprio do ser humano e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação de leitor (PENNAC, 1993).

De acordo com a professora Marta Morais da Costa, em vídeo apresentado sobre contação de histórias, conclui-se ser uma das artes mais antigas. Segundo a professora, ao imaginar o tempo das cavernas, a maneira que os homens passavam as informações uns aos outros de como foi seu dia, suas histórias de caça, suas histórias de medo, pode-se dizer aí que, dessa forma nascia a arte de contar histórias. Eram narrativas simples voltadas para o cotidiano. Hoje, felizmente, tudo evoluiu e nós temos narrativas mais complexas e de diferentes tipos. Embora, seja uma arte tão antiga, permanece com igual força na atualidade. Em primeiro lugar, ela é uma comunicação artística que passa uma ideia de beleza, trabalha com determinados sentimentos, pensamentos e que visa, muitas vezes, ensinar como o homem deve se comportar diante de determinadas situações.

É interessante, por exemplo, ler as pesquisas feitas a respeito do século XVII, XVIII e as de hoje. No século XVII, aquelas narrativas orais, que depois vieram nos dar contos de fadas escritos, são extremamente importantes, porque elas falam de rodas de mulheres, que ao mesmo tempo em que teciam contavam histórias. Essa maneira antiga de contar histórias não desapareceu em absoluto. Atualmente, em algumas casas, essas atividades continuam, quando as mães, avós, tias e irmãs mais velhas, ao mesmo tempo em que fazem seus trabalhos domésticos, vão contando histórias de sua infância, as histórias que leram para as crianças.

De acordo com a professora Marta, atualmente, além dessas contadoras que são contadoras familiares, existem contadoras profissionais. Essas últimas fazem, portanto, da arte de contar histórias uma profissão para sobreviver, contando-as nos mais diferentes lugares e para os mais diferentes públicos.

Na verdade, é difícil imaginar que contação de histórias se dirija a um público exclusivo. Os públicos são muitos variados: crianças, jovens, adultos e idosos. Os públicos também reagem de maneira diferente a uma contação de histórias, pois se alegram, entristecem, emocionam e pensam reflexivamente nas ideias que estão sendo transmitidas. Assim como os públicos, variam também as histórias. Histórias que vêm da tradição com contos de fadas, fábulas, mitos, narrativas, poemas da atualidade e os poemas autorais que possuem autores definidos, os quais foram publicados em livros, cujo nome do autor vem estampado na capa, diferentemente dos contos de fadas que muitas vezes são da tradição oral. A pensar neste contar, lembra-se que existe um lugar especial para eles, que é o espaço da escola.

A relação à escola e a contação de histórias torna-se importantíssima. É bom lembrar que o professor pode ser um excelente contador de histórias; basta que ele tenha

vontade de contar e visualizar a importância dessa atitude. A escola é, sem dúvida, um espaço privilegiado da contação.

O contador é representado naquilo que é sua característica: sua voz, a história inteira, a importância que ele tem para os públicos e a importância que ele tem na sociedade. No entanto, nem sempre a sociedade o recebe de braços abertos. As exigências sociais, a pressa, o novo e as diferenças, muitas vezes, calam um contador de histórias.

A contação de histórias possui várias funções importantes destacadas pela professora Marta: a primeira, talvez a mais importante e por este motivo escolhida como uma boa estratégia para a formação de leitores é a de incentivar a leitura. Sem dúvida nenhuma, ao ouvir contar uma história, uma boa história que alegra, emociona, cria o interesse de conhecer outro livro daquele escritor pode ser despertado. Esse interesse leva à formação de leitores.

A segunda função é divertir e ensinar. Divertir é o que mais atrai as crianças que gostam da história, porque há uma parte cômica e o contador, de repente, as faz esquecer da realidade. Essa diversão, no entanto, não deve ficar descolada, pois pode ser um momento oportuno para se passar ao público uma informação ou um ensinamento.

A terceira função é desenvolver a escuta e o imaginário - um contador deve criar um ambiente que permita que as histórias se transportem da sua voz para o ouvido do público dentro de uma atmosfera, de preferência, silenciosa para que o imaginário possa atuar à vontade. Como o contador não vai servir de figurino, sonoplastia, iluminação, sua voz e a escuta do público irão permitir que as imagens passem da história para o imaginário do ouvinte.

A quarta função é a de provocar a interação entre as pessoas. É muito importante observar como o público reage a um contador de histórias. Percebe-se que o público forma uma unidade que fica presa à voz do contador. Ao fim da contação, os comentários entre os ouvintes são percebidos; são os sinais de uma interação entre as pessoas do público, mas também do contador com o público. Portanto, a interação das pessoas, do autor para os leitores, do contador para o público e do autor para o contador são funções importantíssimas da contação de histórias.

A quinta função é desenvolver a oralidade. É evidente que se o contador vai à frente de uma sala de aula para contar uma história, há a necessidade que ele seja capaz de oralizar não apenas com correção, mas com facilidade e familiaridade. Portanto, o professor, ao contar uma história em sala de aula, estará desenvolvendo sua própria oralidade e também a oralidade das crianças.

A sexta função é a de recriar a magia das histórias. Por que as pessoas ouvem histórias? O que as histórias têm de tão especial? Elas mantêm o ouvinte atento por 5 minutos, 10 minutos ou uma hora porque são mágicas. Falam de um outro espaço, de um outro tempo. Essas narrativas também falam do presente porque contém ensinamentos que atravessam séculos para chegar até o momento em que se ouve.

A sétima função da contação de histórias é transmitir e preservar a tradição. Transmitir a tradição significa contar aquelas histórias que vieram dos antepassados, do começo da humanidade. Ao contar essas histórias elas passam a ser preservadas, passam a fazer parte da história de quem ouviu e também de quem contou.

A literatura oral permanece ao longo dos séculos na humanidade porque há pessoas que contam, ouvem e passam a contar a mesma narrativa. Há, portanto, toda uma tradição a ser preservada. Por exemplo, os contadores do nordeste, com as narrativas de cordel, estão assegurando a continuidade de uma tradição e, ao mesmo tempo, anunciando para as futuras gerações que poderão contar essas histórias também. Além disso, há uma contribuição pessoal que é a criatividade. Cada contador diferente introduz o seu estilo e faz de uma maneira nova o que vem sendo contado ao longo dos séculos.

Cada narrativa, ao ser contada ao longo do tempo, vai adquirindo outras versões, ou seja, ela muda. Muda de situações e o nome da personagem, pois, cada pessoa ao contar um conto, como diz o ditado, acrescenta um ponto. Essas versões, por sua vez, representam também intenções diferentes. Por exemplo, se a Galinha Ruiva, ao final da história, não dá as broinhas de milho para aqueles que não a ajudaram no momento do preparo ou se decide no final dar as broinhas de milho, mesmo para aqueles que não a ajudaram, as intenções irão mudar. Na primeira ideia, A Galinha Ruiva poderia não dar por vingança. Quer dizer, quem não trabalha não come. Mas, na segunda ideia, a Galinha Ruiva pode refletir e dar “um tapa de luvas nos amigos”.

De acordo com o grupo Morandubetá (Grupo de contação de histórias formado em 1990), existem dicas ou normas que são importantes e devem ser observadas. Para o grupo, o contador de histórias deve:

**Escolher uma história que gosta e deseja contar:** não basta ter um livro em mãos, precisa saber se esta história agrada ao contador que, por essa razão, aumentará a chance de transmitir aos ouvintes o prazer que tem em contar aquela história.

**Ler a história muitas vezes:** para contá-la não basta ler 2, 3, ou 4 vezes. São muitas leituras para assimilar essa história de tal maneira que pareça nascer da voz do

narrador, sendo necessário, portanto, conhecê-la bem. O narrador não deve contar uma história que desconhece, pois, provavelmente, terá problema de pontuação, de acentuação e de determinados sentimentos.

**Fechar os olhos e imaginar o cenário, os personagens, o tempo:** deve-se reconstruir a história no seu interior, na sua memória e no seu imaginário. Essa reconstrução é importantíssima para encontrar a entonação e as intenções da frase para saber dizer melhor essa história para os ouvintes.

**Escolher a voz para o narrador e para os personagens da história:** convém diferenciar esses personagens, mas não muito, pois os falsetes devem ser evitados como, por exemplo, falar a voz dos pintinhos da galinha Ruiva com voz fininha. O falsete rouba a naturalidade da história. Por isso, deve-se mudar um pouco a tonalidade da voz para adequar, mas não demais para não se tornar.

**Exercitar o poder de concentração:** nunca conte uma história no repente, no improviso. É importante a concentração para conseguir recuperar a história em sua mente. Se tiver tempo, releia a história e tenha um tempo antes de começar a contar.

**Escolher sua melhor forma de memorização:** a melhor forma de memorizar o texto é repetí-lo muitas vezes. Dividí-lo em partes, sequências e memorizar os fragmentos para depois memorizar as palavras.

**Tomar cuidado com a postura e os vícios de linguagem:** é muito cansativo quando se tem um contador que repete excessivamente: “aí, daí, então, entendeu, né”. Faz-se necessário contar a história de uma maneira natural, continuada, sem interrupções e esses apelos de memorização. Também se torna importante prestar atenção à postura. Normalmente, os contadores acham que devem se movimentar para manter atenção do público quando pode ser exatamente o contrário. Balançar o corpo, dançar, manter a mão sempre na mesma posição, tudo isso resulta numa postura que distrai a atenção e retira o foco da história.

**Contar para alguém antes de contar para todo mundo:** antes de contar uma história, é bom fazer um teste, contando para um filho, irmão, marido para ver como eles a estão recebendo. Se a contação está natural.

**Na hora de contar olhe para todos. Olhar diz muita coisa:** é interessante como o contador consegue um maior efeito na medida em que, ao contar a história, parece se dirigir diretamente às pessoas do público. Esse contato se faz pelo olhar. O olhar estabelece uma ligação no momento da narrativa; faz parecer que o contador fala diretamente para o ouvinte, capturando sua atenção.

**Ser natural. Deixe o coração falar e seduza o ouvinte para que ele deseje ouvir novamente:** existe algo melhor do que a gente contar uma história e no dia seguinte alguém dizer: dá pra contar aquela história novamente? É o sucesso da narração e do contador de história.

Mais alguns conselhos e dicas na contação de histórias:

**Seja breve:** as narrativas não devem demorar de 15 a 20 minutos ou uma aula inteira. O tempo de contação deve girar em torno de 3 a 10 minutos.

**Mantenha o rumo da história na improvisação:** às vezes, você não sabe bem todas as palavras, mas mantenha a sequência.

**Manter a fidelidade ao texto:** na reprodução do texto autoral, essa fidelidade ao texto é importante porque as palavras do autor devem ser respeitadas. Mas, isso quando o texto é autoral e não um texto de tradição.

**Evitar o moralismo explícito:** o moralismo explícito é quando você diz no final: Viu como ele foi castigado? Viu que quando a pessoa é salva ela merece um prêmio? Ou outra fala do gênero.

**Dispensar o figurino:** uma contação de história pode ser realizada sem que o contador(a) possa estar vestido de bruxa ou de fada.

Cuidar do repertório na variação e qualidade.

Leia muito. Ler; reler é a melhor orientação; é o que melhor o contador precisa fazer.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 A instituição**

A escola MPCB, foi fundada em 25 de janeiro de 1967 pelo prefeito Oswaldo Pieruccette e recebeu seu nome através do Decreto 1509, Art 2º. Está localizada no Bairro Parque Riachuelo, região Noroeste de Belo Horizonte. Atende, em sua maioria, crianças dos bairros Parque Riachuelo, Aparecida, Ermelinda e Nova Cachoeirinha.

Conforme dados coletados em pesquisas, entrevistas e questionários para a construção da Proposta Política Pedagógica (PPP), tendo como assessora a Sra. Cláudia Murta, foi apurado que a maioria das famílias é de nível sócio econômico baixo, com renda familiar entre 01 e 03 salários. 42,7% residem em imóveis próprios e 35,0% em imóveis alugados. 86,05% não recebe qualquer benefício/auxílio por parte do governo. 87,25 % das famílias diz que acompanham, frequentemente, a vida escolar dos filhos.

A escola MPCB possui 22 professores, 28 funcionários e 233 alunos na faixa etária entre 06 e 11 anos, atendendo os alunos em dois turnos com um total de 10 turmas distribuídas da seguinte forma: no turno da manhã são 02 turmas de 3º ano (01 turma de 4º ano e 02 turmas de 5º ano). No turno da tarde são 03 turmas de 1º ano (02 turmas de 2º ano). São oferecidos, pela escola, os programas de Escola Integrada, Escola Aberta, Escola nas férias e Saúde na Escola.

O trabalho é organizado com base no Projeto Político Pedagógico da escola, onde estão os objetivos, diretrizes e ações do processo educativo a ser desenvolvido, com bases legais e com as necessidades, propósitos e expectativas da comunidade escolar. Com base no PPP, nas proposições curriculares, os planejamentos e ações são elaborados com a participação de todos envolvidos, auxiliando o desenvolvimento do trabalho em todas as dimensões, sendo iniciadas as visitas à biblioteca.

As avaliações têm como objetivo acompanhar o desenvolvimento das crianças, refletir a prática e propor mudanças caso sejam necessárias. Acontecem de maneira contínua através de diferentes instrumentos avaliativos, tais como: autoavaliação, trabalhos em grupo, pesquisas, observações, portfólios, exposições, provas e outros. Ao final de cada trimestre, os professores reúnem-se com os pais dos estudantes, informando a proposta de trabalho desenvolvida e refletindo sobre a situação escolar de seus filhos, reforçando a importância da participação da comunidade escolar.

Há também a busca em se conhecer a dinâmica familiar de seus alunos e a tentativa em promover a sintonia que favoreça o processo ensino/aprendizagem de maneira tranquila, respeitosa e responsável. As famílias aprovam a Proposta Política Pedagógica da escola e apontam satisfação com o trabalho desenvolvido pela mesma através das avaliações após os eventos e pela presença significativa em Assembleias, Festa Junina, Dia D, Palestras e formações diversas, além de reuniões ao final de cada trimestre, atendimentos a grupos específicos com demandas específicas de pais, comemorações e culminância de projetos.

Os estudantes demonstram gostar da escola e das propostas de trabalho realizadas. A maioria permanece na escola durante todas as etapas oferecidas. Participam, efetivamente, das atividades e projetos coletivos propostos que são frequentes. Os resultados nas avaliações externas vêm crescendo de forma significativa, alcançando 7.1 no último IDEB. O índice de repetência corresponde a menos de 1%. Os alunos são acolhidos, diariamente, no hall de entrada onde se organizam em fila por turma e de forma espontânea fazem uma reflexão ou agradecimento, cantam e, uma vez por semana, há a hora cívica. No hall é fixado o mural com os aniversariantes do mês e outras produções dos alunos. Todos possuem bom relacionamento com os colegas e com os professores.

### **3.2 O Método**

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, envolvendo uma sequência de atividades pedagógicas sobre a estratégia da dramatização na contação de histórias, com a finalidade de contribuir para a formação de leitores.

Para a realização das atividades, foram selecionadas duas turmas do 3º ano: 301 e 302. Essa escolha se deu por serem as turmas acompanhadas pela professora durante os momentos de intervenção semanal que, geralmente, acontecem uma vez por semana, visando o trabalho de literatura e produção textual.

A seleção da literatura, bem como a escolha do gênero fábula, foi obtida através de uma pesquisa prévia com os alunos que responderam um questionário estruturado.

Com base na análise do questionário, depois de verificada a preferência dos alunos pelas fábulas, foi escolhida a história da Galinha Ruiva; fantoches de varas, representando os personagens confeccionados e os alunos realizaram a dramatização.

Todos os momentos são registrados por filmagens e fotografias.

A análise dos dados foi realizada à luz do referencial teórico sobre o tema.

Com relação ao trabalho de pesquisa realizado nesta escola, o mesmo se deu a partir da autorização expressa pela direção. Explicou-se o objetivo do trabalho, que consistia em contar uma história para os alunos das turmas 301 e 302, turmas do 3º ano, nas quais se trabalha com literatura e produção de texto uma vez por semana em cada turma.

A intenção da proposta seria que, no final da contação de história, os alunos pudessem dramatizá-la. A ideia era, ainda, propor a modificação do final da história. Explicou-se também que se faria uma pesquisa prévia com os alunos na intenção de descobrir qual tipo de história os alunos gostam mais.

A diretora e o vice-diretor aprovaram a proposta pedagógica e assinaram o termo de autorização. Acordamos que na próxima reunião de pais, agendada para março de 2019, seria explicado aos pais dos alunos a proposta pedagógica a ser desenvolvida. Na oportunidade, seria solitado a autorização dos mesmos para que as aulas fossem filmadas e fotografadas, o que prontamente aconteceu. Quase a totalidade os formulários foram assinados. Os pais que não compareceram à reunião receberam um bilhete explicativo de autorização do uso de imagem dos filhos. Com esta estratégia, consegui a totalidade das autorizações dos pais.

O próximo passo foi planejar o questionário/pesquisa dos alunos. Elaborou-se um questionário com as algumas perguntas simples e bem objetivas, que ajudaria a descobrir as opiniões dos alunos sobre as histórias infantis.

Na semana seguinte aproveitou-se a aula semanal de literatura e produção textual, ministradas pela pesquisadora nas turmas para aplicar os questionários.

## **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **4.1 Resultados da pesquisa e tabulação dos dados na turma 301**

#### **1) Você gosta de ouvir história?**

- Sim: 24 alunos
- Não: 1 ano

#### **2) Como você gosta de ouvir história?**

- Lidas no livro – 3 alunos
- Contadas oralmente – 4 alunos
- As duas formas citadas anteriormente – 18 anos

#### **3) Qual tipo de história você gosta mais?**

- Fábulas – 12 alunos
- Contos de fadas – 6 alunos
- Lendas – 7 alunos

#### **4) Você já participou de alguma dramatização de história de um livro?**

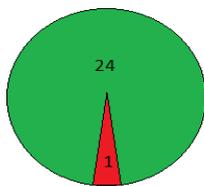
- Sim – 9 alunos
- Não – 17 alunos

#### **5) Você participaria de uma dramatização de uma história de um livro infantil?**

- Sim – 24 alunos
- Não – 1 aluno

**Gráfico 1**

Você gosta de ouvir histórias?



sim: 24 alunos  
nã: 1 aluno

**Gráfico 2**

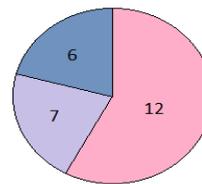
Como você gosta de ouvir histórias?



lidas no livro: 3 alunos  
contadas oralmente: 4 alunos  
das duas formas: 18 alunos

**Gráfico 3**

Qual tipo de história você mais gosta?



fábulas: 12 alunos  
contos de fadas: 6 alunos  
lendas: 7 alunos

Fonte: Elaborado pela autora

**Gráfico 4**

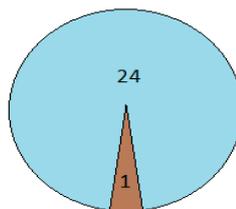
Você já participou de alguma dramatização de história de algum livro?



sim: 9 alunos  
nã: 17 alunos

**Gráfico 5**

Você participaria de alguma dramatização de uma história de algum livro?



sim: 24 alunos  
nã: 1 aluno

Fonte: Elaborado pela autora

**Eis os percentuais produzidos em cada uma das repostas dadas pelos alunos da 301**

- 1) 96% dos alunos gostam de ouvir histórias e 1% não gosta;
- 2) 12% dos alunos gostam de ouvir histórias no livro, 16% gostam de ouvir histórias contadas oralmente e 72% gostam de ouvir histórias das duas formas;
- 3) 48% dos alunos gostam de fábulas, 24% gostam de contos de fadas e 28% gostam de lendas;
- 4) 36% já participaram de alguma dramatização da história de livro e 68% nunca participaram de dramatizações;
- 5) 96% dos alunos participaram de uma dramatização de uma história de livro e 4% não participariam.

## **4.2 Resultados da pesquisa e tabulação dos dados na turma 302**

### **1) Você gosta de ouvir história?**

- Sim – 23 alunos
- Não – 0 aluno

### **2) Como você gosta de ouvir história?**

- Lidas no livro – 9 alunos
- Contadas oralmente – 3 alunos
- As duas formas citadas anteriormente – 11 alunos

### **3) Qual tipo de história você gosta mais?**

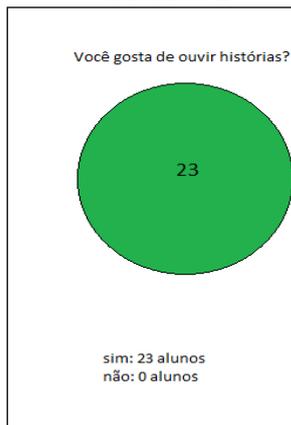
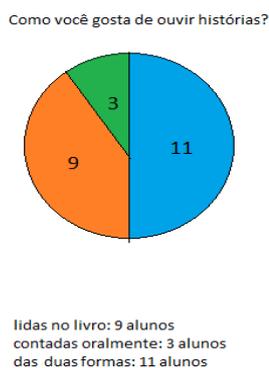
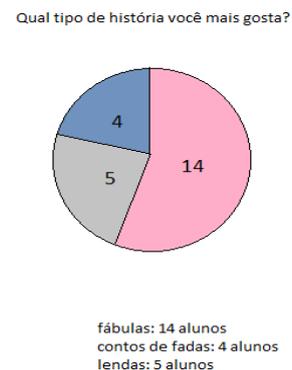
- Fábulas – 14 alunos
- Contos de fadas – 4 alunos
- Lendas – 5 alunos

### **4) Você já participou de alguma dramatização de história de um livro?**

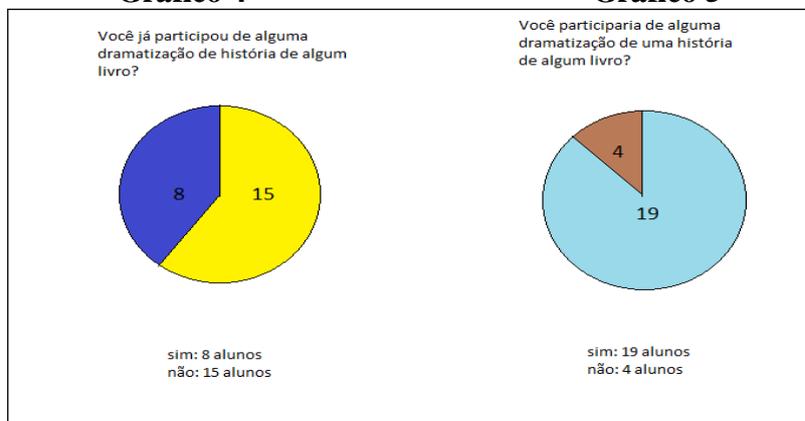
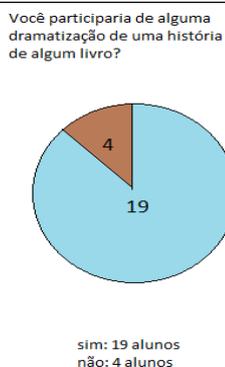
- Sim – 8 alunos
- Não – 15 alunos

### **5) Você participaria de uma dramatização de uma história de um livro infantil?**

- Sim – 19 alunos
- Não – 4 alunos

**Gráfico 1****Gráfico 2****Gráfico 3**

Fonte: Elaborado pela autora

**Gráfico 4****Gráfico 5**

Fonte: Elaborado pela autora

### Eis os percentuais produzidos em cada uma das repostas dadas pelos alunos da 302

- 1) 100% dos alunos gostam de ouvir histórias;
- 2) 39% dos alunos gostam de ouvir histórias no livro, 13% gostam de ouvir histórias contadas oralmente e 47,8% gostam de ouvir histórias das duas formas;
- 3) 60,9% dos alunos gostam de fábulas, 17,4% gostam de contos de fadas e 21,7% gostam de lendas;
- 4) 34,8% já participaram de alguma dramatização da história de livro e 65% nunca participaram de dramatizações;
- 5) 82,6% dos alunos participariam de uma dramatização de uma história de livro e 17,4% não participariam.

Na semana seguinte, providenciou-se o levantamento dos dados da pesquisa, fazendo a tabulação das respostas das turmas 301 e 302. Percebeu-se que transformando os dados em porcentagem poderia-se obter uma maior garantia dos resultados. Neste estudo das porcentagens constata-se que a maioria dos alunos gosta de ouvir histórias e as fábulas eram as preferidas. Verificou-se também, com muita surpresa, que a maioria dos alunos nunca havia dramatizado uma história infantil, porém havia o desejo de participar de uma dramatização.

Com essas informações confirmadas iniciaram-se as visitas à biblioteca da escola com o objetivo de conhecer melhor algumas fábulas, relacioná-las de acordo com o número de personagens, por alguma que tivesse uma mensagem interessante para a faixa etária dos estudantes e principalmente por aquela que fosse inédita para os alunos.

Nesta consulta às fábulas, encontrou-se uma história que pareceu ser perfeita. A história da Galinha Ruiva; uma fábula de vários personagens: a Galinha Ruiva, seus três pintinhos, um gato, um pato e um porco. Faltava saber se esta história era inédita para os alunos. No dia da aula semanal, perguntou-se aos alunos se conheciam a referida história.

Solicitou-se que levantasse a mão quem a conhecia, porém ninguém conhecia. Decidiu-se então contar essa história que possuía um importante requisito – o ineditismo. Além do mais essa história trazia uma mensagem que estava adequada à faixa etária dos alunos: crianças entre oito e nove anos.

Nesta história, a Galinha Ruiva encontra alguns grãos de milho e chama seus amigos para ajudar a plantá-los. Como os amigos respondem que não queriam ajudar, ela, então, chama seus pintinhos que a ajudam na tarefa de plantar esses grãos. Por tratar-se também de uma história de repetição, a Galinha Ruiva clama várias vezes pela ajuda de seus amigos em outras etapas, até que fiquem prontas as broinhas de milho.

Nessas outras etapas, novamente os amigos se negam a ajudar. Ao final, na hora de comer as broinhas de milho que a Galinha Ruiva fez somente com a ajuda de seus pintinhos, ela pergunta pela última vez quem quer ajudar a comer as deliciosas broinhas de milho. Aí sim, todos queriam ajudar a comer. Neste momento, a galinha se nega a dar as broinhas, explicitando a moral da história: vocês não ajudaram a fazer, agora não precisam ajudar a comer.

Para resolver a questão do número de personagens, já que eram 25 alunos na turma 301 e 23 alunos na turma 302, foi necessário modificar a quantidade de

personagens de modo a fazer apenas uma única apresentação da dramatização em cada turma. Decidiu-se por colocar mais amigos patos e mais gatos.

Iniciou-se a confecção dos fantoches. A tentativa era fazer com que os desenhos dos personagens ficassem idênticos aos do livro. Os desenhos, então, foram ampliados e xerocados no papel 60 quilos para garantir maior firmeza. Para colorir, foram usadas exatamente as mesmas cores usadas nos desenhos do livro. A seguir, os desenhos foram afixados em papelão para ficarem ainda mais firmes.

Numa próxima etapa passou-se papel contacte para dar mais brilho e proteger os desenhos. Em seguida, recortou-se cada fantoche e nas beiradas foi passado cola quente. Depois, num próximo passo, foram afixadas as figuras/fantoches a uma madeira leve para as crianças segurarem. Como já dito anteriormente, para aumentar o número de personagens de modo que todos os alunos participassem, foram feitos 01 fantoche de galinha, 3 fantoches de pintinhos, 07 fantoches de patos, 07 fantoches de gatos e 07 fantoches de porcos, totalizando 25 fantoches.

Com todos os fantoches prontos, foi o momento de providenciar o vasilhame que aparecia na história para os ingredientes que a Galinha Ruiva usaria para fazer as broinhas. As palavras citadas na história foram digitadas e impressas: tigela, fubá, farinha de trigo, açúcar, fermento, manteiga, leite e ovos. Logo após, as palavrinhas foram recortadas e colocadas em cada vasilha descartável de tamanhos diferentes. Assim, estava pronta a cozinha que seria o cenário onde a Galinha Ruiva e seus pintinhos confeccionariam as broinhas de milho.

O próximo passo foi agendar o dia em que a história seria contada, pois como dito anteriormente, após o final da dramatização haveria uma proposta de um novo final para a história. Supondo que iria ouvir dos alunos a sugestão de um final em que a Galinha Ruiva, ao invés de negar as broinhas de milho para seus amigos, ela mudasse de ideia e oferecesse as broinhas para todos. Então foi planejado este final, o que exigiu levar as broinhas de milho para oferecer à todos, trazendo assim um toque de surpresa para a aula.

Na verdade, havia sido planejado, anteriormente, dividir a aula em dois momentos: no primeiro a história seria contada pela pesquisadora e os alunos participariam da dramatização. No segundo momento, em outra aula, convidaria os alunos a proporem um novo final, ou seja, um final diferente para a história da Galinha Ruiva.

Sabendo da possibilidade de ser sugerida por algum aluno a proposta da Galinha Ruiva oferecer broinhas de milho para todos os amigos, buscou-se a possibilidade de fazer as broinhas com os alunos na cantina da escola. Mas infelizmente, por motivo de organização de horários diferentes de merenda dos alunos da escola integrada e escola regular, não foi possível este arranjo.

Então, decidiu-se que a própria pesquisadora faria as broinhas de milho e levaria para todos os alunos degustarem após a dramatização da história.

A seguir, a receita das broinhas de milho aparece na última página do livro após a história da Galinha Ruiva. Uma vez que a receita era muito simples, as broinhas foram produzidas pela pesquisadora, usando a receita sugerida pela autora:

#### Receita das Broinhas de Milho

##### **Ingredientes**

- 01 xícara de fubá mimoso;
- 01 xícara de farinha de trigo;
- 01 xícara de açúcar;
- 01 colher de sopa de fermento em pó;
- 01 colher de erva-doce
- 1/2 xícara de manteiga;
- 02 ovos;
- 03 colheres de sopa de leite quente.

##### **Modo de preparo**

- Pegue uma tigela, coloque os ingredientes secos e misture;
- Coloque os demais ingredientes e misture muito bem;
- Amasse um pouco essa massa com as mãos e já faça pequenas bolas;
- Achate-as e coloque-as na assadeira untada com manteiga e fubá;
- Caso a massa fique seca, acrescente um pouco mais de leite;
- Caso a massa fique mole, acrescente um pouco mais de fubá e farinha de trigo;
- Assar em forno médio por 25 minutos;
- O tempo de preparo pode variar conforme o forno.

Pronto! Agora é só saborear as broinhas com a Galinha Ruiva e os pintinhos!!!

Bom apetite.

Para a quantidade de 25 alunos, dobrou-se a receita. Assamos as broinhas de milho na véspera e levamos no dia de contar a história. As broinhas de milho ficaram bem guardadas para o momento da surpresa.

### **4.3 A história e a dramatização na Turma 301**

A contação da história da Galinha Ruiva para a turma 301 aconteceu no dia 08 de julho de 2019 durante a aula de literatura. Foi explicado que seria contada uma história e que a aula seria filmada e fotografada para o uso no trabalho solicitado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito do curso de pós-graduação.

Alguns alunos acharam estranho o fato da pesquisadora ainda estudar. Aproveitou-se a oportunidade para pedir a ajuda deles. Foi perguntado se poderiam colaborar com o trabalho, ouvindo a história e posteriormente participarem da dramatização, deixando livre decidirem.

Alguns alunos quiseram saber o que é uma dramatização. Foi explicado que seria uma encenação como um teatro, onde eles, os alunos seriam os personagens da história. Alguns alunos lembaram que já havia sido explicado o que era uma dramatização no dia em que fizemos uma pesquisa onde uma das perguntas era se já haviam dramatizado uma história qualquer.

Ao lembrar e esclarecer o que era dramatização, muitos levantaram as mãos sinalizando interesse de participar como personagem da história.

Perguntou-se: quem conhece a história da Galinha Ruiva? Como já esperado, a grande maioria respondeu que não conhecia.

Iniciou-se a história da Galinha Ruiva lendo no próprio livro e mostrando as gravuras contidas nele. Propositamente, a contadora ficou mais parada, movimentando-se menos e evitando assim ficar fora do foco da câmera filmadora como mostra a fotografia 01:

**Fotografia 01: Contação da história “A Galinha Ruiva” pela pesquisadora**

Fonte: Arquivo pessoal

A história foi lida página a página, com um tom normal, passando as páginas com calma e procurando usar diferentes entonações para que a história ficasse mais interessante.

A estratégia da entonação parecia dar certo, pois os alunos estavam prestando bastante atenção e fazendo muito silêncio. Em nenhum momento foi preciso parar a história para chamar atenção, o que facilitou muito e tornou o momento muito agradável. Os alunos estavam atentos e interessados nas gravuras. Alguns demonstravam no olhar o desejo de olhar mais tempo as gravuras do livro. Controlou-se o tempo de mostrar as imagens para que elas não superassem o enredo e o interesse dos alunos pelo desfecho da história como ilustra a fotografia 02.

**Fotografia 02: A contação da história “A Galinha Ruiva” pela pesquisadora**

Fonte: Arquivo pessoal

A fábula da Galinha Ruiva é uma narrativa de repetição. Por várias vezes a protagonista da história interpela seus amigos perguntando quem quer ajudar nas etapas da história. Foi numa dessas frases lidas e repetidas vezes que se ouviu a voz de um aluno a dizer: de novo, sorrindo e achando engraçado.

No final, terminada a leitura perguntou-se: quem gostou bata palmas. Foi muito motivador ver os alunos aplaudindo com alegria. Sentiu-se que a contação foi positiva. A escolha da fábula e o enredo foram interessantes para eles e agora era a hora de iniciar uma nova etapa: a dramatização.

Neste momento, os fantoches de varas que representariam os personagens da história foram apresentados. Mostrou-se cada fantoche: a galinha, os três pintinhos, o gato, o pato e o porco. Explicou-se que, apesar de na história ter somente um pato, um gato e um porco, na nossa história haveria vários patos, gatos e porcos para dar oportunidade a todos de participarem no momento da dramatização como ilustra a fotografia 03.

**Fotografia 03: Todos os personagens da história estão em foco estão (fantoques em varetas)**



Fonte: Arquivo pessoal

Iniciou-se, então, a distribuição dos personagens, entregando os fantoches de varas. Foi perguntado novamente: quem gostaria de participar da dramatização da

história? Permitiu-se que livremente se manifestassem e, surpreendentemente, todos levantaram as mãos para participar. Teve início a organização do teatro.

Que tal se a professora fosse a narradora? Assim poderia entregar as falas dos personagens no momento exato em que elas aparecessem. Todos estavam de acordo e apresentou-se o fantoche da Galinha Ruiva. Perguntados sobre quem gostaria de interpretá-la, foi preciso escolher entre vários alunos (meninos e meninas) interessados. Então, aleatoriamente escolhi a aluna (JL). Depois os fantoches foram apresentados. Dos 3 pintinhos, novamente, vários queriam interpretá-los. Os fantoches foram distribuídos para os alunos. Foram acalmados e tranquilizados, lembrando-os de que, assim como combinado, seriam 07 patinhos, 07 gatinhos e 07 porquinhos.

No momento da escolha desses personagens tomou-se o cuidado de distribuir de 03 em 03, ou seja, um pato, um gato e um porco, de modo que tivesse o número equivalente de personagens e a dramatização ficasse mais interessante. Outro cuidado foi deixar que a própria criança escolhesse o personagem de sua preferência. O fantoche escolhido era entregue na mão da criança como mostra a fotografia 04.

#### **Fotografia 04: Distribuição dos fantoches para a dramatização da história pelos alunos**



Fonte: Arquivo pessoal

Essa turma é composta por 25 alunos. Portanto, foram feitos um total de 25 fantoches para não correr o risco de deixar alunos sem participação espontânea. Os fantoches foram entregues às crianças que foram chamadas à frente da sala, trazendo os fantoches que iriam representar, sendo organizados diante da câmera filmadora. Primeiramente,

foi chamado o fantoche da Galinha Ruiva, depois os seus 3 pintinhos. Na sequência, foram chamados todos os patos para ficarem juntos, depois os porcos e finalmente os gatos.

Foi explicado que a história seria lida novamente e as falas dos personagens seriam feitas por eles, lembrando que as falas dos porcos, dos gatos e dos patos seriam agora no plural.

Mostrou-se onde poderia ser a cozinha. Os potes dos ingredientes utilizados na receita foram colocados sobre a mesa e também as placas que continham os grãos de milho e o milharal.

A leitura foi retomada com a pesquisadora como narradora e a expectativa das crianças esteve a todo o tempo sob observação.

A leitura da história “( ) Era uma vez uma simpática Galinha Ruiva ( )” foi apontada para a criança que imediatamente entrou em cena, incorporando os trejeitos da personagem no momento em que a narração continuava: “Ela vivia numa fazenda com seus três pintinhos ( )”; as crianças, espontaneamente, fizeram piu...piu...piu...

E assim foi narrada até mesmo a fala da Galinha Ruiva no momento exato em que deveria ser lida pela aluna JL que encarnava o papel. Foi impressionante ver a reação das crianças querendo dramatizar de forma espontânea e diferenciada, sempre combinando com o que estava sendo narrado combinando com o que estava sendo narrado como mostra na fotografia 05:

#### **Fotografia 05: Leitura e dramatização da fala da personagem da Galinha Ruiva**



Fonte: Arquivo pessoal

A narrativa foi realmente emocionante. Tudo ocorreu como se já tivesse sido ensaiado. As reações eram espontâneas.

Ao apresentar as falas dos outros bichos (patinhos, porquinhos e gatinhos), por pouco se esquece de falar no plural. Levando o livro até a turma de bichos citados, os alunos leram no livro o que deveriam responder o quão impressionante foi ver as crianças respondendo no plural.

Também foi bastante interessante ouvir a entonação que deram ao responder NÃO. Estenderam a palavra dando força ao NÃOOOO! Na verdade, foi assim que a narradora se expressou ao ler a história pela primeira vez. Poderia ter exercido influência sobre o modo de falar dos alunos? Seria isso bom? Será que não? Não se sabe dizer, embora possa ter ocorrido influência. As fotografias 6 e 7 ilustram esse momento:

#### **Fotografia 06: Alunos dramatizando o personagem do porquinho**



Fonte: Arquivo pessoal

### Fotografia 07: Alunos dramatizando os patinhos



Fonte: Arquivo pessoal

O momento de fazer a receita das broinhas foi realmente foi ímpar. Quando a Galinha Ruiva chamou seus pintinhos para a cozinha, passou a ensinar o passo a passo da receita, falando na ordem o que os pintinhos iriam pegar. Foi muito compensador ver (JL) lendo com muita fluência as falas da Galinha Ruiva, lendo pausadamente os ingredientes que iriam entrar na receita e aguardando os pintinhos pegarem os potes com as palavras: tigela, fubá, farinha de trigo, açúcar e fermento. Misturaram com os outros ingredientes: leite, manteiga e os ovos. Como mostra a fotografia 8.

### Fotografia 08: Ingredientes utilizados na broinha de milho



Fonte: Arquivo pessoal

Foi muito gratificante ver a disputa dos pintinhos querendo pegar apressadamente os potes corretos e a sensatez da aluna (JL) que, brilhantemente, deixou que seus pintinhos realmente ajudassem a fazer a receita ensinada por ela. Surpreendentemente, (JL) não pegou pra si a responsabilidade de Galinha mãe, apenas ensinou os pintinhos executarem. Realmente muito lindo vê-los balançando as asinhas para achatar as broinhas, seguindo as ordens da Galinha Ruiva.

Outro momento maravilhoso foi o de regular a temperatura do forno, colocar o tabuleiro com as rosquinhas para assar e aguardar um pouquinho.

Paramos um pouco para dar tempo das broinhas assarem. Em seguida, continuamos dando ênfase ao cheiro que se espalhou pelo ar.

A interpretação de (JL) foi perfeita, falando com bastante ênfase: - vocês não ajudaram a fazer agora não precisam ajudar a comer.

Como neste momento o enredo já era conhecido pelas crianças, os alunos dramatizaram com perfeição, fazendo caras de decepção, desdém e outros viram com tranquilidade as broinhas de “mentirinha” ser degustadas pela Galinha e seus pintinhos.

Ao final, falou-se: quem gostou, bate palmas, e muito alegres, aplaudiram a si próprios, pela atuação brilhante que tiveram.

Os fantoches foram devolvidos e todos tomaram seus lugares. Avaliou-se sobre o que acharam do final da história. O aluno (KA) disse que achou certa a atitude da galinha; que ela fez bem em dar as broinhas somente para seus pintinhos. Outros também falaram. As opiniões foram diversificadas. Aproveitando a oportunidade da discussão, perguntou-se quem gostaria de propor um final diferente para a história. Imediatamente o aluno (RF) disse que tinha uma ideia: que a Galinha Ruiva deveria perdoar os amigos e convidar a todos da fazenda pra comer as broinhas.

Diante dessa fala, ficou decidido que a proposta do aluno (RF) seria eleita como um final perfeito, pois trazia uma mensagem diferente da primeira. A primeira mensagem: “só come quem trabalha”, foi substituída por uma mensagem de perdão, tolerância e amor. Ou seja, mesmo os amigos não tivessem ajudado a fazer as broinhas, todos iriam ganhar.

Neste momento, a tigela de rosquinhas de milho, até àquela hora, guardada escondidinha, foi entregue para a aluna Julia que, muito surpresa, distribuiu as rosquinhas entre os colegas da sala.

**Fotografias 09 e 10: Distribuição das broinhas de milho com todos os alunos personagens.**



Fonte: Arquivo pessoal

Ao serem perguntados se gostaram da história, todos queriam dar suas opiniões sobre o sabor delicioso das broinhas e alguns pediram a receita. Mostrou-se a receita ao final do livro e fez-se a promessa de, na semana seguinte, entregar uma cópia da receita para suas mães fazerem nas férias.

Alguns alunos quiseram o livro emprestado para levar para casa. Foram informados de que na biblioteca o livro estava disponível para empréstimo.

#### **4.4 A história e a dramatização na Turma 302**

A leitura da história da Galinha Ruiva para a turma 302, aconteceu no dia 05 de julho de 2019, durante a aula de literatura, na sexta- feira, no primeiro horário, como é o costume.

Primeiramente, explicou-se aos alunos que a história seria contada, a aula seria filmada, fotografada e usada no trabalho de pós-graduação do curso da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Relembramos que já havíamos combinado que aquela aula seria fotografada e filmada, justificando a autorização que os pais assinaram em Março. Então, perguntou-se aos pais se eles poderiam colaborar com o trabalho ouvindo a história e posteriormente participando da dramatização, deixando livre a participação para quem quisesse.

Alguns alunos perguntaram o que é uma dramatização. Foi explicado que seria uma encenação como em um teatro onde eles seriam os personagens da história. Os alunos se recordaram que já havia sido explicado o que era uma dramatização ao responderem ao questionário que trazia a pergunta se já tinham dramatizado alguma história. Muitos então levantaram as mãos, sinalizando interesse de participar como personagem da história.

Quem conhece a história da Galinha Ruiva? Perguntou-se. Como essa resposta já era esperada, a grande maioria respondeu que não conhecia. Então: - ótimo! Vamos à história.

Para essa turma decidiu-se fazer diferente. A história é apresentada a seguir para que o leitor possa conhecer a história da Galinha Ruiva exatamente como está no livro:

#### **A Galinha Ruiva**

Autora: Ingrid Biesemeyer Bellinghausen

Era uma vez a simpática Galinha Ruiva.

Era assim chamada pela coloração avermelhada de suas penas.

Galinha Ruiva vivia numa fazenda com seus três pintinhos.

Lá moravam também seus melhores amigos: o pato, o gato e o porco.

Todas as manhãs, Galinha Ruiva saía com os pintinhos em busca de alimento.

Um dia, cisca daqui, bica dali, ela encontrou vários grãos de milho.

Logo, Galinha Ruiva teve uma ideia:

- Plantando estes grãos, faremos o fubá e, com ele, deliciosas broinhas de milho!
- Disse a Galinha Ruiva toda empolgada.
- Quem quer ajudar a plantar o milho?- convidou a Galinha Ruiva
- EU NÃO! - disseram juntos o pato, o gato e o porco.

E os pintinhos:

- Mamãe, nós queremos ajudar a plantar o milho!

E assim seguiram. A Galinha e os pintinhos afofaram a terra, plantaram as sementes e depois regaram, com bastante cuidado.

O tempo passou e o milho cresceu. Agora, estava pronto para ser colhido.

- Quem quer ajudar a colher o milho? – Perguntou a Galinha.
- Não posso, estou ocupado com meu novelo de lã. – Disse o gato.
- Estou indo nadar mais um pouco: – Falou o pato.
- Ai, ai, ai, comi demais, preciso tirar uma soneca: – Resmungou o porco.
- SIM! - Mas os pintinhos, sempre animados, responderam: - Nós queremos ajudar a colher o milho!
- Lá vamos nós novamente! – Disse a Galinha

Galinha Ruiva e seus pintinhos colheram as espigas, tiraram toda a palha e depois as debulharam.

E então, chegou a hora de fazer a farinha de milho: o famoso fubá.

- Quem quer ajudar a moer o milho? – Perguntou a Galinha.

Dessa vez, o pato, o gato e o porco nem responderam.

E, como sempre, os pintinhos bem dispostos:

- Nós queremos ajudar a fazer o fubá, mamãe!

A Galinha, com a ajuda especial dos pintinhos, moeu todo o milho.

- Agora, vamos levar esta farinha para a cozinha e esperar os outros ingredientes da receita – Disse a Galinha aos pintinhos.
- Quem quer ajudar a fazer a massa?
- Perguntou a Galinha.

Bom, nem preciso dizer. Como já era de esperar, somente os pintinhos ajudaram a preparar a massa.

Pegaram uma tigela e colocaram primeiro os ingredientes secos: o fubá, a farinha de trigo, o açúcar e o fermento. Misturaram tudo novamente e a massa estava pronta!

- Agora vamos fazer as broinhas? Esta parte é muito divertida! – A Galinha falou, convidando os pintinhos.

- Peguem um pouquinho da massa, façam uma bolinha com as asinhas, achatem um pouquinho e coloquem na fôrma – Explicou ela.

Depois, Galinha Ruiva acendeu o forno, regulou a temperatura e colocou a assadeira.

Não demorou muito e um maravilhoso cheiro espalhou-se no ar...

- Quem quer ajudar a comer estas lindas broinhas? – Perguntou a Galinha, tirando a assadeira do forno.

Não demorou muito para pato, o gato e o porco apareceram.

E responderam juntos:

- Eu ajudo!

Humm... que delícia!

Mas a Galinha Ruiva foi logo dizendo:

- Vocês não ajudaram a fazer, agora não precisam ajudar a comer!

E foi assim que Galinha Ruiva e seus pintinhos saborearam sozinhos, as deliciosas broinhas!

**FIM**

Após o término da leitura da história, perguntou-se: quem gostou bata palmas. E novamente, repetindo a mesma atitude dos alunos da outra turma, aplaudiram e, muito alegres, se surpreenderam com o desfecho da história.

Os fantoches foram apresentados. O aumento do número de personagens foi justificado, permitindo a participação de todos. Perguntou-se quem gostaria de participar da dramatização. Não foi diferente nesta turma; todos quiseram participar e neste momento os fantoches foram sendo entregues para a organização do teatro. Os alunos ajudaram a organizar o cenário da cozinha, trazendo a mesa que seria usada como espaço para a confecção das broinhas.

Como na outra turma, a narradora da história foi a pesquisadora após ter sido perguntado se os alunos autorizavam. Autorização concedida, passamos ao início da dramatização.

A dramatização aconteceu conforme o planejado. Alunos empolgados encenando a história que ia sendo narrada. Novamente, houve surpresa com o

desempenho dos alunos. Parecia que tínhamos feito um ensaio, o que também não aconteceu. Tudo foi improvisado, apesar de conhecerem o enredo da história, pois eles tinham acabado de ouvi-la; agora pela segunda vez. Mas mesmo assim não se retira o mérito dos alunos que, brilhantemente, sem timidez, incorporaram os papéis dos personagens.

Nessa turma, destaque-se a participação da aluna (VL) que interpretou a Galinha Ruiva. Foi brilhante a maneira como incorporou a maternidade e a paciência com os colegas, aguardando com tranquilidade o momento de ler, ajudando os pintinhos e deixando que eles pegassem sozinhos todos os ingredientes para fazer a receita das broinhas.

Ao final da dramatização, os próprios alunos aplaudiram uns aos outros com alegria. Chegou o momento de dar as opiniões sobre a mensagem da história. Vários deram opiniões, tanto de aprovação quanto de reprovação, etc.

Passamos então para o momento de propor um final diferente para a história: Vários alunos foram ouvidos, sugerindo finais diferentes como, por exemplo: os amigos da Galinha deveriam ficar com vergonha e fazer as broinhas para levar para ela ou os amigos poderiam se reunir e fazer as broinhas para eles comerem, ou ainda a Galinha Ruiva poderia se arrepender e dar sim as broinhas para os amigos que não ajudaram. A aluna (MR) que sugeriu este final e ainda disse o que a Galinha Ruivaalaria: - apesar de vocês não terem ajudado, vão ganhar mesmo assim, mas nunca mais façam isso...

Nesse momento, foram apresentadas as broinhas que estavam guardadas. Foi realmente uma surpresa quando viram a travessa de broinhas de milho. Então, a criança que tinha feito o papel de Galinha Ruiva foi convidada para entregar para as crianças as broinhas. Como foi boa esta ideia! Algo simples, mas que trouxe brilho para aos olhos das crianças e muita alegria para o encerramento da aula.

Novamente, queriam a receita das broinhas. Foi mostrado que estava no final do livro e prometido que, na semana seguinte, seria disponibilizada uma cópia da receita.

Outros queriam o livro emprestado. Foram informados de que estava disponível na biblioteca.

Após a contação da história da Galinha Ruiva, foram verificados quantos livros sobre a história estavam disponíveis na biblioteca da escola. A bibliotecária informa que seriam 04 livros. Então foi disponibilizado para empréstimo um livro do acervo pessoal também. Era importante saber se os alunos das turmas 301 e 302 solicitariam o livro da história da Galinha Ruiva para empréstimo. Porém, tomou-se conhecimento que

naquela semana e na seguinte não haveria empréstimo de livros devido o recesso escolar no período de 15 a 31 de julho. A escola tem como norma não emprestar livros na semana que antecede o recesso de julho e também na semana que antecede as férias escolares.

No início do mês de Agosto/2019, na volta às aulas, era preciso saber o efeito do trabalho de formação de leitores. A pergunta norteadora da pesquisa pairava: seria a dramatização do livro infantil uma boa estratégia para a formação de leitores?

Não poderia influenciar a pesquisa, forçando os alunos a pegarem o livro emprestado. Foi preciso retomar o assunto e relembrar a história de forma sutil.

Então, para retomar o assunto da aula da Galinha Ruiva foi preciso encontrar uma atividade mais lúdica, mais leve e que fizesse os alunos se lembrar de pegar o livro na biblioteca naturalmente. Foi então que a receita das broinhas dada para os alunos foi retomada. Encontrou-se na leitura da receita a oportunidade para retomar o assunto e propor uma nova atividade para lembrá-los do livro. Assim que lemos a receita em sala de aula, solicitou-se aos alunos que desenhassem a parte da história que mais gostaram. Os fantoches foram colocados no quadro novamente, facilitando o processo para aqueles alunos que tem mais dificuldade em desenhar.

Percebeu-se que os alunos tiveram um carinho todo especial pelos desenhos dos personagens da Galinha Ruiva. Todos desenharam, mesmo aqueles que diziam não saber desenhar. Não foi preciso insistir ou incentivá-los, simplesmente eles desenharam e coloriram. Deu-se oportunidade também para falarem e mostrarem, na frente da sala, os desenhos que fizeram e a parte que mais gostaram. Aliás, esta é uma das atividades que os alunos adoram: ir à frente e mostrar seus trabalhos.

Essa retomada trouxe um conforto maior, promovendo agora a sensação de ter realmente feito o possível para descobrir a resposta da pesquisa. A ideia era voltar à biblioteca e solicitar a anotação do número de alunos que tomaram emprestado o livro da Galinha Ruiva. Porém, surpreendentemente, um fato novo impediu essa ação. Uma aluna perguntou quando iríamos realizar nova dramatização de história. A pergunta foi recebida com alegria, pois nela poderia estar a resposta para a pergunta da pesquisa em questão.

Na aula seguinte, outro aluno perguntava quando haveria mais contação de história e outros perguntavam pela nova dramatização. Assim, nova contação de história com dramatização foi planejada.

Então a música cantiga Famélica, baseada no poema de Tatiana Belinky foi a oportunidade perfeita para agradar aos alunos com nova dramatização. Na aula semanal de literatura, distribuiu-se a letra da música. Lemos e buscamos no dicionário o significado das palavras difíceis e iniciamos os ensaios da dramatização da música.

O resultado foi inesperado. Ficou tão linda a apresentação que foi escolhida para ser apresentada no V Sarau da escola.

Agora já se pensa na próxima história a ser contada para os alunos dramatizarem. Percebe-se o quanto gostaram dessa metodologia, trazendo-lhes alegria. Mensalmente o planejamento de uma nova história passou a acontecer.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou este trabalho cujo tema é a contação de histórias e a dramatização do livro infantil, havia uma dúvida se a contação de histórias pelos professores e a posterior dramatização delas seria uma boa estratégia para a formação de leitores, vendo nessa questão a importância de se estudar este tema.

O objetivo da pesquisa foi mostrar como a metodologia de dramatização, durante a contação de história, poderia contribuir para formar o hábito da leitura. Pelo demonstrado no corpo do trabalho, considera-se que é possível formar hábito da leitura, de acordo com a indicação dos alunos envolvidos na pesquisa e que manifestaram o gosto por dramatizar, solicitando novas histórias, novo textos e até músicas para atuarem.

A pesquisa partiu da hipótese de que a contação de histórias e a dramatização do livro infantil não faziam parte da rotina escolar das crianças, ou ainda que, ouvir e dramatizar não está articulado com os conteúdos escolares. A hipótese pôde ser realmente comprovada na pesquisa prévia feita com os alunos do 3º ano do ensino fundamental, em que 70% dos entrevistados, alegaram nunca terem participado de uma dramatização de história infantil.

A pergunta, a contação de história e a dramatização do livro infantil seriam uma boa estratégia de formação de leitores? Pode ser respondida afirmativamente: sim.

Diante da metodologia proposta verificou-se que o trabalho teria sido melhor se a história não tivesse sido contada na semana anterior ao recesso escolar. Este fato comprometeu o empréstimo de livros pela biblioteca, a qual não empresta livros nesse período, coincidindo com o momento em que as aulas de contação de histórias ocorreram.

Outras limitações podem ser citadas: a pequena amostra dos participantes da pesquisa, qual seja, apenas 50 alunos, bem como o tempo insuficiente para certificar com maior garantia os resultados obtidos.

Recomendamos aos futuros pesquisadores que use a mesma pergunta, mote dessa pesquisa, que possam trabalhar com um grupo maior de alunos, dando-lhes a oportunidades de dramatizar várias histórias de modo que possam testar a pesquisa com um tempo mais prolongado do que esse disponibilizado no presente trabalho.

## REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Ática, 1988

CARDOSO, Giane Carreira & Rita de Cássia Borguetti. A importância da leitura na formação do indivíduo. Editora FAEF, Revista científica Eletrônica de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Garça. Ano V- número 09- Janeiro de 2007, Garça/SP. Disponível em: <http://www.revista.inf>. Acesso em 29/04/2019

CARLETI, Rosilene Callegari. A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada. ES, 2007; Disponível de <http://www.univen.edu.br/revista>. Acesso em 14/05/2019

COSTA, Marta Morais da. **A contação de história**. Vídeo acessado em 29/04/2019.

DELMANTO, Dileta. A leitura em sala de aula. Almanaque do Programa Escrevendo o Futuro. Ano III. Nº 7. 2009. Disponível em: [www.construirnoticias.com.br](http://www.construirnoticias.com.br) Acesso em 14/05/2019

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler em três artigos que se completam. 23ª Ed. São Paulo. Editora: Cortez, 1989.

FREITAS, Eduardo de. Professor incentivador de Leitura. Canal do Educador. 2009. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com> Acesso em 14/05/2019

GRUPO Morandubeté de Contadores de História. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao403324/grupo-morandubeta-de-contadores-de-historia>>. Acesso em: 22 de Out. 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

KLEIMAN, Angela. Leitura, ensino e pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 2008

KRIEGL, Maria de Lourdes de Souza. Leitura: um desafio sempre atual. Revista PEC, Curitiba. 2002

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. *Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes*. RN, 2009. Disponível em <http://www.weartigos.com>. Acesso em 14/05/2019

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro. Editora: Rocco, 1993.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SILVA, Ezequiel Teodoro. *O ato de Ler*. 4ª Ed São Paulo. Editora: Cortez, 1987.

SOUZA, Renata Junqueira de. *Leitura do professor, leitura do aluno: processos de formação continuada*

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro. Editora: Qualitymark, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo. Editora: Martins fontes, 2ª Edição, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Formação social da mente**. São Paulo. Editora: Martins Fontes, 2007.